



tabu



A vida dos **baixos sociais** pág. 38

Nini Andrade Silva

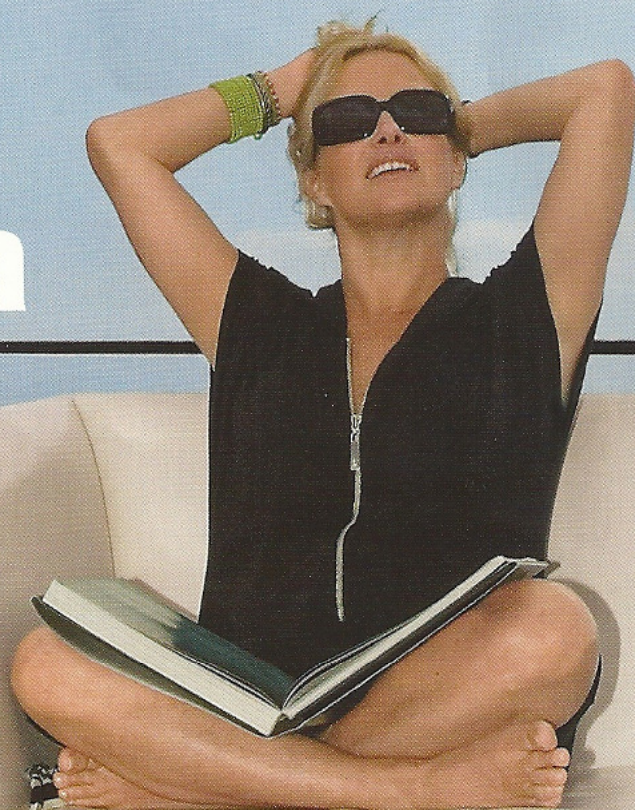
Ninimalista

É considerada uma das grandes *designers* de interiores do momento.

Madeirense, passa a maior parte do tempo em viagem, sobretudo para a Ásia, e já esteve à beira da morte à conta do excesso de horas passadas em aviões.

Nini Andrade Silva, 47 anos, acabou de receber uma proposta de sonho para criar hotéis em Londres, Moscovo e Abu Dabi.

Os seus mais recentes projectos – os hotéis Aquapura, Fontana e The Vine – não param de somar prémios internacionais pág. 30



Nini Andrade Silva

'Tinha a certeza que ia conseguir vencer'

O seu nome aparece nas mais importantes publicações de *design* de interiores do mundo e os projectos mais recentes têm acumulado prémios. É na Madeira que se sente em casa, mas Nini Andrade Silva passa todo o seu tempo em aviões. Aos 47 anos, acabou de receber um convite de uma cadeia internacional, para conceber hotéis em Londres, Moscovo e Abu Dabi. Uma proposta pela qual trabalhou a vida toda e que sempre acreditou que seria capaz de atingir. Depois, até admite deixar de trabalhar. Ou pelo menos abrandar o ritmo, dedicar-se à pintura e a desenhar o seu próprio hotel

Entrevista de Raquel Carrilho Fotografias de Raquel Wise



SEMPRE que se fala de si, fala-se das viagens que faz em busca de peças para os seus projectos. Em quantas vai este ano?

Nem sei, estou sempre de um lado para o outro. Já estive na China, Tailândia, Brasil, Nova Iorque, Florida, Bahamas, Viena... Em Lisboa nem conto as vezes! Venho todas as semanas, é como apanhar o autocarro. Já estive no mundo inteiro. Quando tive a tromboflebite em duas semanas tinha voado mais de 60 horas. Era maluca, inconsciente. Nenhum corpo aguentaria. Felizmente consegui chegar à Madeira e o problema deu-se lá. Hoje em dia, chego à China e fico cinco dias, antes ficava horas.

O que aconteceu?

A tromboflebite pode acontecer a qualquer pessoa que ande de avião. Hoje em dia, antes de entrar num voo, dou uma injeção a mim própria, para o sangue ficar mais fluido. Fiquei dois meses sem poder mexer as pernas e seis meses sem poder viajar. Mas o pior ainda foi quando recomecei a viajar: tinha de sair do avião e ir directa a um hospital, para medirem a coagulação do sangue. Tenho cartões de hospitais do mundo inteiro. E ter de fazer isso, pensar que o meu corpo não me estava a ajudar, fazia-me chorar. Lembro-me de que o médico me disse que tinha de continuar na cama sem me mexer. Perguntei-lhe o que acontecia se me mexesse e ele disse: 'Morre'. Senti-me num buraco e não podia pedir ajuda a ninguém.

Não pensou em mudar de ritmo?

Estava na Tailândia, depois da tromboflebite, e andava entre o trabalho e o hospital, mas não me conseguiam arranjar um hospital de jeito, e comecei a entrar em parânoia. Estava tão desesperada que me encostei num carro a chorar. O dono da fábrica veio ter comigo e disse 'Miss Nina, machines don't cry. You're a machine'. Mas sim, pensei em ter mais cuidado comigo. Passo a vida no médico, faço análises a tudo quatro vezes por ano. Não me posso dar ao luxo de adoecer, sozinha, do outro lado do mundo. E também não vou passar o resto da vida a fazer a mesma coisa, temos de dar lugar aos outros. Há 20 anos, por exemplo, desenhava roupas para o Carnaval da Madeira e para a Festa da Flor; hoje não faria sentido.

Sempre viajou muito?

Sim. Lembro-me perfeitamente da primeira vez que fui ao continente! Em miúda, na escola, havia o mapa de Portugal na parede →



e quando cheguei a Lisboa, não sei o que tinha na cabeça, mas achava que Portugal era ao alto e lembro-me de olhar pela janela do avião e ver Portugal 'deitado'. Foi muito estranho! Não havia *internet* e a televisão era a das Canárias, isto quando estava bom tempo.

A insularidade convidava ao sonho?

Vivo à beira-mar, o meu jardim é o Atlântico, e isso sempre me deu uma sensação de liberdade. Nunca me senti presa, mas protegida. Sempre fui pessoa de inventar e viver no meu mundo. Até o meu nome inventei! A minha mãe dizia que eu era tão teimosa que até o nome tive de pôr a mim mesma. Sou Isabel, mas não deixava ninguém chamar-me Isabel. A primeira palavra que disse foi Nini. E só comecei a aprender outras coisas quando me começaram a chamar Nini.

Crescer na Madeira deu-lhe liberdade?

Sim. Os meus pais eram professores e tinham uma escola com 80 crianças. Cresci com muitas crianças e eu era a filha da professora, mandava naquilo tudo e tinha muitos amigos. Tínhamos a escola e um jardim grande onde brincava quando chegava do colégio, porque fui a única, dos meus irmãos, que não fui aluna da minha mãe...

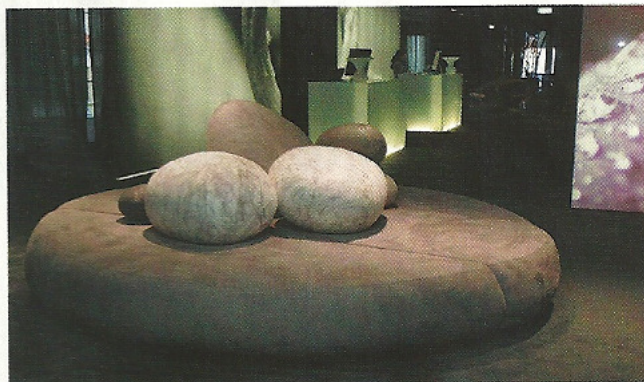
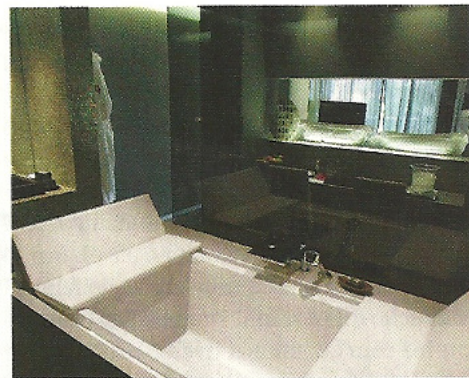
Porquê?

Era muito destravada! Era difícil de controlar. Sempre fui maria rapaz. A minha

Bilhete de Identidade

Ninimalista

ISABEL Andrade Silva foi, desde criança, muito dona do seu nariz. Nasceu a 24 de Julho de 1962, na Madeira, filha de dois professores. Foi a única dos três irmãos a não estudar na escola da família: a sua rebeldia obrigou a rédeas mais curtas. Campeã de mariposa, um problema de saúde fez-na desistir dos desportos e dedicar-se ao desenho. Descobriu então o *design*, uma profissão, à data, muito mal vista. Saiu da Madeira para estudar no IADE, em Lisboa, e daí começou a viajar: EUA, África do Sul, Dinamarca... No regresso à Madeira montou o seu ateliê e retomou as viagens sobretudo para a Ásia. Actualmente tem projectos na Áustria, Cabo Verde e Portugal – em 2010 inaugurará hotéis no Porto e na Gardunha. Com os hotéis Aquapura Douro Valley, Fontana Park e The Vine tem somado prémios internacionais. Além disto, dedica-se à linha de mobiliário Garota do Calhau, e à pintura. O filho de um ex-namorado apelidou-a de Ninimalista e o termo conquistou o guru Andrew Martin, autor do guia *The World Leading Designers*, no qual Nini já constou inúmeras vezes. Será esse, aliás, o nome do livro que vai lançar em 2010, com a editora Asseline.



Diferentes recantos

do The Vine Hotel, na Madeira, actualmente nomeado para três grandes prémios internacionais: o European Commerce Property Awards, o European Hotel Design Awards e o World Architecture Festival. Em baixo, e nas páginas seguintes, peças de mobiliário da colecção Garota do Calhau

mãe falou com o meu pai e fui para o Colégio da Aposentação de Maria. Bastou uma semana para perceber que ali não era a filha dos professores e não tinha para onde fugir. Os seus pais eram muito rigorosos?

Desde criança que os meus pais me deram liberdade, mas também responsabilidade. Diziam sempre: 'O que vocês fizerem, nós podemos sofrer, mas vocês vão sofrer mais'. A Madeira da sua infância era profundamente católica. E a sua família?

Íamos à igreja ao fim-de-semana, somos todos católicos. Era normal. Tal como tinha pai e mãe, tinha a religião. Sempre fui católica. Entro num avião e benzo-me. O meu pai, quando comecei a deixar de ir à igreja ao fim-de-semana e me via a benzer nos aviões, dizia: 'É pena não voares ao domingo!'. Rezo sempre. Acredito que há mais do que isto, se não não tinha a alegria de viver que tenho. Quando era miúda passava a vida a ler a Bíblia, até que a minha mãe me tirou, disse que era demais para a minha idade. Cheguei a pensar que queria ser religiosa.

Isso ajudou-a quando, anos mais tarde, perdeu os seus pais num curto intervalo?

Foi horrível. Mãe não morre nunca. Nem pai. Mas quando um morre primeiro, o segundo é mais fácil, já sabemos que a morte existe. Até ao fim, nunca acreditei que a minha mãe ia morrer. Foram os piores seis meses da minha vida e com o meu pai também foram seis meses terríveis, mas já tinha o estágio da minha mãe. Hoje em dia, quando me falam de alguém que morreu de repente, a minha primeira reacção é sempre 'Que bom!'. O sofrimento é horrível, ver a pessoa a sofrer e não poder fazer

HÁ 20 ANOS, DESIGN NÃO ERA NADA.

Na minha família todos queriam que seguisse Arquitectura. A minha mãe foi a única a apoiar-me



nada. Mas sinto que eles estão sempre ao pé de mim.

Como despertou para o design?

La muito a Nova Iorque e comecei a conhecer vários designers. Isto porque tinha uns grandes amigos na Madeira, a família Kie-beken, donos das Tapeçarias da Madeira. Nessa altura, os designers já mandavam no mercado americano, algo que só agora noto em Portugal. Há 20 e tal anos, design não era nada. Na minha família todos queriam que seguisse arquitectura. Apenas a minha mãe dizia que não interessava se vendia amen-doins, desde que soubesse vender bem.

Em Portugal nem se sabia bem o que era um designer...

Era uma pessoa que não tinha conseguido entrar em Arquitectura. Lembro-me de um professor do IADE que nos dizia sem-

pre: 'Vocês não são arquitectos porque não quiseram ser, são designers'. E são duas funções diferentes.

Havia a figura do decorador, mas nunca do designer ou arquitecto de interiores...

É isso que as pessoas não compreendem. O decorador põe jarras, sofás e cortinas. Quando entramos num projecto – hoje não vamos a concursos, somos convidados –, damos o nosso orçamento e o cliente olha para aquilo e diz que é caro. Mas não somos decoradores, fazemos projectos de raiz. No mínimo, um hotel leva dois anos e meio, entramos no mesmo momento do arquitecto. Lembro-me do dono de um hotel que me disse que tinha quem fizesse o projecto de graça. Disse-lhe que se quisesse ter um bom hotel, nunca devia escolher essa pessoa. Ganhámos prémios com esse projecto.

Sai da Madeira para a universidade?

Sim, vim em 79, para o IADE. Fiquei no apartamento do meu irmão, que já cá estava. De repente, saímos da Madeira, tínhamos uma casa e tínhamos de orientar o dinheiro da mesada dos nossos pais. Era o meu irmão que organizava tudo, mas mesmo quando estava a estudar, trabalhei: pintava ténis e cestas. Quando vim, a minha mãe disse-me logo: o primeiro ano que percas, vens de volta para a Madeira. Podia divertir-me, mas nunca chumbar.

Estava em Lisboa, no arranque dos anos 80, mas tinha esse compromisso para com a sua mãe. Como foi a adaptação?

Uma das coisas que me fazia confusão era que na Madeira toda a gente se conhece e aqui não conhecia ninguém, mas o IADE era uma escola muito gira, na altura ainda ficava no Palácio do Marquês do Pombal →

e tudo acontecia no Chiado. Tínhamos artistas que queimavam quadros em protesto! **Não teve problemas com o seu sotaque?**

Brincavam muito com isso, mas sempre fiz questão de falar madeirense. Claro que podia não falar cerrado, mas era tão engraçado! Lembro-me de um contínuo do IADE a quem pedi um atarraxador e ele dizia que isso não existia. Era uma chave de fendas! Mas acho que a minha maneira de comunicar fez com que nunca tivesse problemas.

Acaba o curso, mas não volta à Madeira.

Continuei a viajar com a ajuda dos meus pais e da família Kiebeken. Fui para a América com eles; depois fui para a África do Sul, porque o meu namorado era inglês mas vivia lá; e depois para a Dinamarca, onde fiz um curso de Floricultura.

E só depois regressa à Madeira.

Depois de uma série de cursos, fui para a Madeira e abri o ateliê. Mas não parei de viajar. Há dez anos, concorri a primeira vez ao livro do Andrew Martin que, na altura, era o máximo. Concorri com a minha casa, fui escolhida e foi muito importante para a minha carreira. Sempre que mandei trabalhos, fiquei.

Logo no arranque da sua carreira apercebe-se que pode comprar no fabricante e assim começa a viajar para a Ásia. Como foram essas experiências?

Nos asiáticos, tudo é delicado. Quando comecei a ir para a Ásia, eles achavam que eu era uma atriz de cinema. Chamavam-me Julia Roberts, Meryl Streep... Eles acham-nos todos parecidos – o homem branco de nariz comprido –, como nós os achamos

todos os iguais. Hoje já consigo distinguir um chinês de um coreano de um japonês, mas antes não conseguia, da mesma forma que não conseguia distinguir antiguidades.

Foi muitas vezes enganada?

Só se aprende indo lá e trabalhando neste ramo, conhecendo as fábricas, os fornecedores... Fui enganada, como toda a gente. Felizmente hoje sei distinguir...

Durante anos fomos inundados com falsificações da China...

O MUNDO ESTÁ A MUDAR E OS JOVENS DE HOJE não pensam como nós.

Ou crescemos ou ficamos estátuas. Temos de fazer coisas para eles

Imensas. Quando digo que fabrico na China as pessoas ficam... Mas não vêm o potencial que a China tem. É verdade que tem muitas falsificações, daí o preconceito, mas estão a mudar, estão a pedir *designers* europeus. Temos um arquitecto lá a controlar o fabrico dos nossos móveis e noto que, de ano para ano, estão a melhorar, a querer deixar as cópias e investir no *design*. Isso vai alterar o mercado. Criar parcerias seria bom

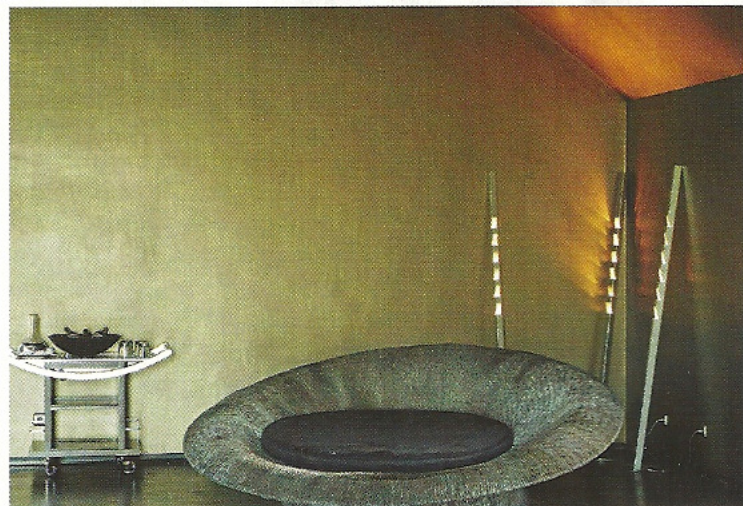
para todos. Acho que a Europa devia fazer produtos de luxo. Se temos uma mercearia e abre um hipermercado ao lado, não vale a pena tentar competir com o hipermercado.

Os paradigmas estão errados?

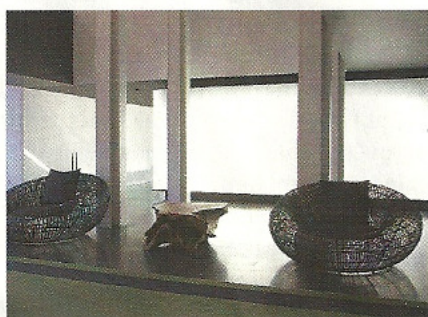
O mundo está a mudar e as pessoas, às vezes, não conseguem ver mais à frente, como ainda agora nos aconteceu com um hotel na Expo, em que a cadeia queria manter a sua imagem clássica e nós tentávamos explicar que o mundo está a mudar e, naquele lugar, era preciso algo mais contemporâneo. Recentemente houve um congresso HiDesign, no Porto, e fui a única portuguesa convidada para falar. Estavam arquitectos muito conhecidos e pensei que tinha de fazer alguma coisa diferente, mas não sabia o quê. Estava no cabeleireiro, pouco antes de começar, e vi uma peruca castanha, comprida. Comprei-a e pu-la. Éramos quatro, a falar para uma plateia de centenas de pessoas da hotelaria. No final, o jornalista da *Wallpaper* que moderava, perguntou quem é que tinha alguma coisa 'wow' para dizer, e eu levantei-me e disse: 'Gostava que as pessoas que estão aqui entendessem que o mundo está a mudar e que os jovens de hoje não pensam como nós. Ou crescemos ou ficamos estátuas. Temos de fazer coisas para eles. Por isso podemos ser os mesmos, mas ter uma imagem diferente'. E quando disse isto tirei a peruca. A sala levantou-se para me aplaudir.

Teve retorno dessa ousadia?

Depois desse discurso, um homem de uma cadeia internacional de hotéis veio falar comigo e perguntou-me qual o trabalho que tinha mais próximo dali. Disse-lhe que



Imagens do Aquapura Douro Valley, no Douro, e do Fontana Park Hotel, em Lisboa





Costumam-me dizer que sou surda. Acredito em mim. Hoje em dia é mais fácil porque fui reconhecida, o meu trabalho saiu na *Wallpaper*, na *Time Magazine*, no *New York Times*, no *Financial Times*... Mas tudo o que é diferente é difícil de aceitar.

Sentiu-se injustiçada?

Não sei se as pessoas o faziam, mas não ligava. Era a rã surda. Tinha a certeza que ia conseguir vencer. E tenho uma equipa fantástica. Para nós não há problemas, há soluções. Nunca dizemos 'Temos um problema para resolver', mas 'Temos uma solução para encontrar'. O que quero da minha equipa é que se saiba deixar ir, que saiba enlouquecer.

O que caracteriza os seus projectos?

Adoro construir fantasias. O que me interessa é o que as pessoas sentem quando entram num lugar, os lugares têm de ter alma. Mais vale gastar muito dinheiro numa peça só, do que ter imensas porcas em que nada é especial.

Qual a maior loucura que comprou?

Uma porta, caríssima, de 4 por 3 metros, sem saber onde a ia usar. Quatro anos depois, quando estava a fazer um hotel, a dona comentou que era preciso uma porta para um local específico, enorme. Liguei

**O QUE QUERO
DA MINHA EQUIPA
é que se saiba deixar ir,
que saiba enlouquecer.
Adoro construir
fantasias**



era o Aquapura e ele foi lá. Esta semana recebemos um *email* a dizer que queria que fizéssemos trabalhos em Londres, Moscovo e Abu Dabi. Claro que ainda estamos em negociações, mas só ter sido convidada já é uma grande honra. Não posso dizer qual é a cadeira, mas é o sonho de qualquer arquitecto. É o pote de mel no fim do arco-íris. Nem quis acreditar, as lágrimas vieram-me aos olhos. Pensei: finalmente! Trabalho muito. Estou sempre, sempre, sempre a trabalhar. Não vou ao café, não paro para ler revistas... Viajo pelo mundo em trabalho. Fiz um hotel no Brasil e as pessoas iam carregadas com biquínis e eu com catálogos. Estava no aeroporto a ver cadeiras e sofás e olhei em volta e pensei 'Será que vale a pena?'. No dia em que recebo este *email*,

acho que sim. Tal como quando encontro uma amiga no supermercado, num dia em que estava exausta de trabalho e em que vinha quase a chorar, e ela me diz que é uma honra para a Madeira ter uma pessoa como eu. Se calhar vale a pena.

Ao longo destes anos confrontou-se muitas vezes com essa pergunta: será que vale a pena?

Acho que uma pessoa que acredita que é capaz nunca deve desistir. No ateliê do Funchal deixaram-me uma vez um papel em cima da secretária a dizer 'Esta é a Nini'. Era um desenho com três rãs num concurso para seres humanos. Todos gozavam com elas, mas, no final, foi uma rã, a mais pequena e fraca, que ganhou. Porquê? Era surda, ignorou tudo o que diziam, e ganhou.

para a Madeira, pedi para irem ao armazém medir a porta, e tinha o tamanho que era preciso. Nada é por acaso.

Acredita mesmo nisso?

Há tantas coisas positivas que me acontecem assim. Descobri a China uma vez que estava a nevar em Zurique. Ia para a Indonésia quando avisaram que não havia maneira de sair do aeroporto nas próximas horas. Tinha uma italiana ao meu lado, começámos a falar, e disse-lhe que ia para a Indonésia, mas que os meus contactos estavam lá agora e, perdendo o voo, não sabia o que lá ia fazer. ➔

E ela explicou-me que trabalhava com peles, mas que tinha contactos em mobiliário na China, e que se quisesse podia ir com ela. Pensei 'Porque não?'. Fui e ela apresentou-me os que ainda hoje são meus fornecedores. **Já se viu em situações difíceis?**

Hoje em dia tenho amigos nos sítios e as embaixadas foram sempre uma grande ajuda. Mas já tive algumas situações. Lembro-me que uma vez, no Norte da China, cheguei ao hotel e ninguém falava inglês. Foi preciso um senhor de Taiwan, que lá me ajudou. Passado um pouco, faltou a luz. E fiquei no meu quarto, meia hora, sem conseguir falar com ninguém, porque só falavam chinês. Se entrar num hotel onde não conheço ninguém, como no quarto e faço tudo para nem saberem que ando ali. Não me arranjo, ando sempre com o cabelo amarrado. Tenho um fornecedor na Tailândia que me diz sempre 'Miss Nina, why are you so beautiful in the pictures and when you come here you're not like that?'. Porque ando sempre com a mesma roupa!

Os tais 'pijaminhas' que sempre usa...

Gosto de levar a mala na mão, tenho medo que me metam alguma coisa lá dentro. É uma mala mínima. E tenho de lá levar roupa para ir às fábricas, aos jantares, às embaixadas. Por isso tenho os meus 'pijaminhas' de malha, brancos ou pretos. Se tiver um jantar ponho uns sapatos de salto, um bom cinto e uma boa carteira; se for para ir às fábricas, ponho umas sapatilhas. No Brasil, era a portuguesa que só tinha uma roupa. Enrolo dez roupas iguais e já está. Se quero comprar alguma coisa, deixo o que levei. Mas só compro coisas pequenas: um colar, uma pulseira, um anel. Adoro azul-turquesa.

Tem estado ligada a grandes projectos de hotelaria, mas mais recentemente aceitou dois projectos que, à primeira vista, até podiam ser considerados menores, o Sensation e o Tamariz...

Não são menores, são diferentes. O Tamariz é 'o' Tamariz, um lugar com grandeza; tal como o Sensation, que foi uma coisa bonita de fazer. Estava a almoçar com a Sara, que trabalha comigo, e, ao mesmo tempo, estávamos a contar bilhetes para o Sensation. A empregada passou, olhou para os bilhetes

COMO VIAJO MUITO LEVO SEMPRE TUDO NA MALA DE MÃO.

Tenho medo de que me ponham alguma coisa na bagagem. Enrolo 10 roupas iguais e já está

e fez uma exclamação. Perguntei-lhe por que tinha reagido assim e ela explicou-me que o colega andava há semanas a falar da festa, mas que, com o ordenado que recebia, não podia ir. Quando me trouxe a conta disse-lhe para pedir ao colega para vir ele recolher o dinheiro e pus um bilhete lá dentro.

Quando ele abriu aquilo pensei que lhe ia dar uma coisa. Começou a chorar, chorava eu, chorava toda a gente. Isto para mim é que é grandeza. Só por isto valeu a pena.

Costuma sair à noite?

Não. Fui ao Sensation com uma peruca, disfarçada, para ninguém me reconhecer. Mas queria ver. Foi tudo feito numa semana, foi uma loucura. Não saio à noite, mas gosto de ver a emoção das pessoas. Gosto de estar com os meus amigos, para mim 'estar bom' é estar bem-disposta num sítio. E faço a festa, deito os foguetes e apanho as canas.

Como começou a pintar?

Quando tive a minha primeira casa não tinha dinheiro para quadros e pintei-os eu. Mais tarde, acabei por fazer uma exposição com esses quadros, vendi todos e comecei a pensar em pintar. Mas queria pintar algo só meu e usar o dinheiro para ajudar.

Assim surgem os calhaus?

Há 40 anos, na Madeira, os miúdos que deixavam a escola eram conhecidos como os garotos do calhau. Andavam nas praias, em cima dos calhaus, a pedir esmola, e mergulhavam para apanhar as moedas que os estrangeiros nos barcos atiravam para o mar. Foi por isso que me intitulei Garota do Calhau. Aquelas pedras têm uma força enorme para mim.

O dinheiro da pintura permitiu-lhe abrir uma escola no Brasil?

Sim, em Porto Galinhas. O *mayor* da cidade perguntou-me se podia ajudar e abrimos uma escola chamada Garota do Calhau, para ajudar o cavalo-marinho, e que recebe miúdos que vão aprender sobre a espécie, lancham e brincam... Agora, no Norte da Tailândia, vou abrir outra escola. Gostava de deixar coisas para as pessoas aprenderem, nos sítios onde trabalho.

E em Portugal?

Ajudo a associação do meu irmão e a associação Vilamar. Nem gosto de dizer que



À esquerda, o projecto de Nini Andrade Silva para a área VIP Deluxe na festa Sensation. Em cima, a casa da *designer* na Madeira, projecto com o qual entrou pela primeira vez na listagem de Andrew Martin The World Leading Designers



No ateliê de Lisboa, a analisar estudos de materiais e com parte da equipa que ali trabalha



ajudo, mas às vezes são os próprios locais que me pedem para dizer, para influenciar outras pessoas. Aqui há tempos paguei as férias em Porto Santo a uns miúdos. Estavam todos felizes, excepto um. Perguntei-lhe o que tinha e ele respondeu que queria um campo de futebol. Falei com a directora, pedi ajuda a uma construtora civil e a um médico, e construimos. Há pessoas que querem ajudar mas nem sabem como. Como o meu amigo dentista que ajudou um miúdo sem dentes, e agora todos os meses ajuda dois miúdos dessa escola. Aqui há uns tempos um amigo perguntou-me se ainda tinha o dinheiro com que ajudo os pobres – porque tenho uma conta só para isso – pois havia um fadista que não cantava porque não tinha dentes. Claro que lhe paguei os dentes. Se não fosse *designer* era assistente social.

Como vê Alberto João Jardim?

É uma figura que ama a Madeira, faz tudo pela terra... Às vezes, as pessoas fazem coisas por amor que os outros podem não entender. Goste-se ou não dele, fez muita coisa pela Madeira.

Imagina-se a trabalhar só na pintura?

Quando o Berardo comprou uma colecção dos meus quadros tive um grande *dealer* de arte de Miami que me disse que, se deixasse tudo, ele investia em mim. Na altura pensei nisso, mas o que ia fazer às 40 famílias que trabalham comigo? Ainda não está na altura. Penso que depois destes três hotéis eles podem seguir sozinhos. Aí poderei ir viver para o Porto Santo, com uma casa linda na serra, vista para o mar, e passar o tempo a pintar e a imaginar coisas fantásticas. Gostava de fazer o meu próprio

hotel, uma coisa pequena onde nada falhasse e onde libertasse a minha fantasia.

Nunca se arrepende de ter deixado para trás a carreira na nataçao?

Fui campeã de mariposa, e sempre fiz patinagem, *ballet*, nataçao... Mas, por volta dos 14 anos, tinha fortes dores de cabeça e veio-se a descobrir que tinha falta de irrigação de oxigénio no cérebro. Até se descobrir demorou muito tempo, andava no 5.º ano [actual 9.º] e no 3.º período nem fui às aulas porque andei em exames médicos.

QUANDO O BERARDO COMPROU UMA COLECÇÃO dos meus quadros tive um *dealer* de Miami que me disse que, se deixasse tudo, ele investia em mim



Fui desistindo de tudo e dedicando-me ao desenho. Mas podia ter sido uma grande nadadora. Ainda hoje, chego a uma piscina, e as pessoas nunca imaginam que este corpo nade aquilo. Uma pessoa da minha idade não nada mariposa. Ainda que não pense nada na idade!

A questão da idade pesa particularmente nas mulheres, quando o relógio biológico começa a dar sinais...

Isso nunca foi um problema para mim porque não posso ser mãe. A minha mãe costumava dizer que Deus escolheu bem por mim.

Como descobriu?

Tive um problema, tive de ser operada várias vezes, e o médico avisou-me de que se não tivesse filhos nos próximos dois anos não ia poder, mas não ia ter filhos só porque tinha de ter. Com a vida que tenho, não podia ter tido filhos. Sem querer comparar crianças com cães, o meu cão, o Jerónimo, é muito importante para mim! E tenho afilhados e sobrinhos. Acredito que ter um filho de alguém que se ama deve ser bonito, mas não penso nisso.

Não foi uma sentença?

Não. Costumo dizer que uma coisa que não tem solução, solucionado está, não vale a pena perder tempo. Fiz isso com tudo na minha vida. Agora, se tem solução, luto até ao fim do mundo.

Sente falta de tempo para si?

Não conseguiria ter uma vida mais convencional, mas sinto falta de acalmar. Mas tenho sempre tantos amigos, o meu namorado, tanta gente. São precisas pessoas especiais para estar ao meu lado. 

raquel.carrilho@sol.pt